

Uma visão sobre a mística¹

A suggestion about mysticism

William James

Tradução: Brasil Fernandes de Barros*

Nos últimos anos, percebe-se um interesse crescente nos círculos filosóficos sobre a mística religiosa. A maior parte dos escritores tem visto e tratado o assunto com um enfoque externo, e até onde sei não há ninguém que tenha falado do tema com autoridade vivencial em favor de seus pontos de vista. Eu também faço coro com estas pessoas, e muito provavelmente, a debilidade do que eu disser provará este fato de forma suficientemente clara para os leitores que possivelmente estejam vendo o tema a partir de suas vivências. No entanto, como a fala de um *outsider* é tão boa quanto de outro qualquer, não deixarei de expressar minha visão.

De uma forma muito breve, a minha visão é de que os estados de intuição mística possam ser dar de forma muito repentina, em grandes extensões do “campo de consciência” ordinário. Com relação às causas de tais extensões não tenho uma visão muito clara; mas a sua própria extensão, se minha opinião estiver correta, consistiria em uma imensa propagação da margem desse campo, de modo que incluiria normalmente o conhecimento transmarginal, e a margem ordinária se tornaria mais central. O “esquema de ondas” de Fechner² vai

¹ Artigo publicado originalmente em 17 de fevereiro de 1910. JAMES, William. A Suggestion about mysticism. **The journal of philosophy psychology and scientific methods**. New York, v. VII, n 4, p. 85-92, 2010. Artigo de domínio público de acordo com a Convenção de Berna.

Tradução submetida em 9 de março de 2022 e aprovada em 27 de dezembro de 2022.

* Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela PPGCR PUC Minas. Bolsista CAPES. País de origem: Brasil. E-mail: brasil@netinfor.com.br. ORCID: 0000-0002-5285-4871.

² NT - Gustav Theodor Fechner foi um filósofo alemão. Professor da Lúpsia na Alemanha a partir de 1834, era tido como um matemático e físico brilhante. O esquema de ondas abordado por James aqui se refere à obra “The little book of life

descrever a alteração, como eu a concebo, e se nós supusermos que a onda de consciência ordinária, emergja acima da linha horizontal de seu plano limiar, essa declinará em todas as direções. A queda desse limiar terá por consequência, nessas circunstâncias, a produção de um estado de coisas semelhantes ao que vemos quando, na costa plana, na vazante de uma maré de primavera, vastos trechos usualmente cobertos são revelados. Mas nada surgirá além de algumas polegadas acima do plano da água e uma grande parte da cena submergirá novamente sempre que uma onda passar sobre ela.

Algumas pessoas têm um campo de consciência naturalmente muito amplo, outras muito estreito. O campo estreito pode ser representado por uma forma incomumente íngreme da onda. Quando por qualquer incidente o limiar baixa em pessoas desse tipo – e isso eu falo por minha própria experiência - para que o seu campo se amplie de forma a concentrar sua atenção nas questões usualmente subliminares para torná-la visível, e o panorama maior percebido encherá a mente de euforia e de uma sensação de poder mental. É uma experiência revigorante; e - tal é agora minha hipótese – que só temos que supor que ela ocorra de uma forma excepcionalmente extensa, para nos dar, se é que podemos dizer assim, um paroxismo místico.

Algumas observações sobre o campo da consciência podem ser necessárias para dar mais clareza à minha hipótese. O campo é composto de uma massa constante de sensações presentes, em uma nuvem de lembranças, emoções, conceitos, etc. No entanto, estes elementos, apesar de serem designados separadamente, não são distintos, pois o campo da consciência os contém. Sua forma é a de algo muito intenso, em cuja unidade as sensações, memórias, conceitos, impulsos etc., coalescem e se dissolvem. O campo atual como um todo flui de seu predecessor de forma contínua e se funde em seu sucessor mais uma vez consecutivamente, em uma massa-de-sensações passando para outra massa-de-sensações dando à experiência o caráter de um *presente*³ que muda gradualmente, enquanto as memórias e conceitos carregam coeficientes de tempo que colocam tudo o que está presente em uma perspectiva temporal mais ou

after death” publicada por Fechner pela primeira vez em 1836, em 1904 a obra foi republicada com uma introdução feita por William James.

³ NT – No texto original William James coloca em itálico um grande número de palavras e expressões para dar ênfase em alguns pontos de seu pensamento, que serão encontrados ao longo do texto.

menos vasta.

Quando, agora, o limiar decai, o que aparece não é a próxima massa de *sensações*; pois essas requerem novos estímulos físicos para produzi-las, e nenhuma alteração de um limiar puramente mental pode criá-las. Somente no caso em que os estímulos físicos já estivessem trabalhando subliminarmente, preparando a próxima sensação, qualquer sensação pouco perceptível se revelaria quando o limiar decaísse. Mas com as memórias, conceitos e estados de conação⁴, o caso é diferente. Ninguém sabe exatamente até que ponto estamos “marginalmente” conscientes deles em momentos comuns, ou até que ponto além da “margem” de nossa atual consciência transmarginal do pensamento deles pode existir⁵. De qualquer forma, não há um limite definido entre o que é central e o que é marginal na consciência, e a margem em si não tem um limite definido como *parte foris*. É como o campo de visão, em que o menor movimento do olho se estenderá, revelando objetos que sempre estiveram ali para serem conhecidos. A hipótese que faço é que um movimento do limiar para baixo também trará uma massa de memórias subconscientes, concepções, sentimentos emocionais, percepções de relação, etc., que será trazida à vista de uma só vez; e que se esta ampliação do *nimbus* que envolve o presente sensacional é suficientemente amplo, enquanto nenhum dos itens que ele contém atrai nossa atenção individualmente, teremos as condições preenchidas para um tipo de consciência em todos os aspectos essenciais como aquele denominado místico. Será transitório, se a mudança de limiar for transitória. Será uma realidade, uma ampliação e uma iluminação, possivelmente arrebatadora. Será unificadora, pois o presente se coalesce nele com faixas do remoto bem fora de seu alcance em circunstâncias normais; e o sentido de *relação* será muito reforçado. Sua forma será intuitiva ou perceptiva, não conceitual, pois os objetos lembrados ou concebidos no campo ampliado não devem atrair a atenção isoladamente, mas apenas dar o sentido de uma *imensidão* revelada de uma só vez. Se eles atraíssem a atenção separadamente, deveríamos ter a consciência comum de ondas

⁴ NT - Processo mental de formação da vontade e da intenção. Esforço consciente. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/cona%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 13-01-2022.

⁵ Os termos transmarginal ou subliminar, são sinônimos. Alguns psicólogos negam completamente a existência de tal consciência (A. H. Pierce, por exemplo, e Münsterberg, aparentemente). Outros, por exemplo, Bergson, fazem com que ela exista e carreguem todo o peso de nosso passado. Outros, mais uma vez (como Myers), querem que ele se estenda (no modo "telepático" de comunicação) da mente de uma pessoa para a de outra. Para os fins de minha hipótese, tenho que postular sua existência; e uma vez postulado, prefiro não estabelecer limites definidos em sua extensão.

íngremes, e o caráter místico partiria.

Esta é a minha proposta. As pessoas que *conhecem* algo da experiência mística, sem dúvida, encontrarão nela muito a criticar. Se alguma delas o fizer com certeza terá servido amplamente ao seu propósito de ajudar nossa compreensão dos estados místicos a se tornar mais precisa.

A noção que tentei estabelecer (às custas de uma metáfora) foi-me sugerida originalmente por certas experiências próprias, que só poderiam ser descritas como ampliações muito repentinas e incompreensíveis do campo consciente, trazendo consigo uma curiosa sensação de conhecimento do fato real. Todas ocorreram nos últimos cinco anos; três delas eram semelhantes quanto ao tipo; a quarta era única.

Em cada um dos três casos semelhantes, a experiência rompeu-se abruptamente com uma situação perfeitamente comum e perdurou por talvez menos de dois minutos. Em um dos casos, eu estava envolvido em uma conversa, mas duvido que o interlocutor sequer tenha notado minha abstração. O que aconteceu a cada vez foi que eu parecia ser lembrado de uma experiência passada de uma só vez; e esta reminiscência, antes que eu pudesse concebê-la ou nomeá-la distintamente, desenvolveu-se em algo mais que pertencia a ela, isto por sua vez em algo mais distante ainda, e assim por diante, até que o processo se desvaneceu, deixando-me espantado com a visão repentina de gamas crescentes de fatos distantes dos quais eu não poderia dar conta de maneira articulada. O modo de consciência era perceptivo, não conceitual - o campo se expandia tão rapidamente que parecia não haver tempo para a concepção ou identificação em seu trabalho. Havia uma sensação muito excitante de que meu conhecimento da realidade passada (ou presente?) estava ampliando em pulsos consecutivos, mas tão rapidamente que meus processos intelectuais não conseguiam acompanhar o ritmo. O *conteúdo* era, então, totalmente perdido para a retrospectção - afundava-se no limbo dos sonhos que desaparecem à medida que acordamos gradualmente.

Esta convicção da revelação da realidade factual, juntamente com a forma perceptual da experiência e a impossibilidade de fazer um relato articulado, são caracteres típicos dos estados místicos. A diferença é que, em meu caso, apenas

certas indicações especiais, no campo da realidade, pareciam ser descobertas subitamente, enquanto nas experiências místicas clássicas, a realidade inteira parece mais como se fosse desvendada de uma só vez. *Descobrir* de alguma maneira é a essência do fenômeno, de qualquer forma, e é o que, na linguagem metafórica da onda fechneriana, eu tenho usado a expressão “queda do limiar” para representá-la.

Minha quarta experiência de descoberta teve a ver com sonhos. De repente, fui absorvido pela compreensão de um par de sonhos que eu não conseguia me lembrar de ter tido, mas que de alguma forma pareciam se ligar a mim. É angustiante ter que dar ao leitor qualquer ideia da desconcertante confusão mental que vivi, a experiência mais intensamente peculiar de toda minha vida. Escrevi um memorial completo sobre isso alguns dias depois de ter acontecido, e adicionei algumas reflexões. Embora isso não deva lançar nenhuma luz sobre as circunstâncias da mística, parece que este registro pode ser digno de publicação, simplesmente como uma contribuição para a literatura descritiva dos estados mentais patológicos. Portanto, eu permito-me reproduzi-lo, como foi escrito originalmente, com apenas algumas palavras alteradas para tornar o relato mais claro.

“São Francisco, 14 de fevereiro de 1906 - Anteontem à noite, em minha cama na Universidade de Stanford, acordei por volta das 7h30 da manhã, enquanto acordava de um sonho de alguma sorte tranquilo, e lentamente voltei ao estado de vigília, tive de forma inesperada, reminiscências confusas de um tipo de sonho totalmente diferente, que parecia por assim dizer ser telescópico, fazendo ligações com um sonho muito elaborado com leões e tragédia. Concluí que este foi um sonho anterior do mesmo sono; mas aparentemente a confluência entre os dois sonhos foi algo muito estranho, algo que eu nunca havia experimentado antes.

“Na noite seguinte (12 e 13 de fevereiro) acordei subitamente de meu primeiro sono, que me pareceu muito pesado, em meio a um sonho e ao pensar nele, fiquei subitamente confuso pelo conteúdo de dois outros sonhos que se misturaram abruptamente entre as partes do primeiro sonho dos quais, não consegui entender a origem. De onde vêm *estes sonhos*? Me perguntei. Eles

estavam perto de *mim*, e frescos, como se eles tivessem acabado de acontecer; e ainda assim pareciam longe *do primeiro sonho*. O conteúdo dos três não tinha absolutamente nenhuma conexão. Um deles tinha acontecido com alguém em Londres em uma atmosfera de *cockney*⁶. Os outros dois eram americanos. Um envolvia a experimentação de um casaco (acho que este era o sonho do qual eu parecia acordar) o outro era uma espécie de pesadelo e tinha a ver com soldados. Cada um deles tinha uma atmosfera emocional totalmente distinta que tornava sua individualidade descontínua com a dos outros. E ainda assim, em algum momento, estes três sonhos pareciam se relacionar alternadamente, estavam dentro e fora uns dos outros, e eu parecia ser a parte comum entre eles e pareciam não ter acontecido em sucessão, no mesmo sono. *Quando, então?* Em uma noite anterior, também não. *Quando, então? Qual* foi a noite em que eu tinha acabado de acordar? *Eu não podia mais dizer*: um estava tão perto de mim quanto os outros, e mesmo assim eles se repeliam completamente, e eu parecia pertencer a três sistemas de sonhos diferentes ao mesmo tempo, nenhum dos quais se conectaria nem com os outros nem com minha vida cotidiana. Comecei a me sentir curiosamente confuso e *assustado*, tentei ficar mais desperto, mas já parecia muito desperto. Nesse momento tive calafrios de terror ao passar por minha mente: *eu estaria entrando nos sonhos das outras pessoas?* Esta é uma experiência 'telepática'? Ou uma invasão de dupla (ou tripla) personalidade? Ou será um trombo em uma artéria cortical? e o início de uma “confusão” mental geral de desorientação que vai se desenvolvendo, quem sabe até onde?

“Decididamente eu estava perdendo o controle e me familiarizando com uma qualidade de sofrimento mental que eu nunca tinha conhecido até então, a analogia mais próxima que faço é do naufrágio, ou a ansiedade que se tem quando se dá conta, em meio a floresta, que está realmente 'perdido'. A maior parte dos problemas humanos se orienta para um fim. A maioria dos medos aponta em uma direção e se concentra em direção a um clímax. A maioria das agressões ao mal pode ser enfrentada se apoiando contra algo, seus princípios, sua coragem, sua vontade, seu orgulho. Mas nesta experiência, tudo se difundiu a partir de um

⁶ NT - Cockney o nome usado para designar o um habitante do East End de Londres e seu dialeto local. Esta área é composta pelos distritos de Aldgate, Bethnal Green, Bow, Hackney, Limehouse, Mile End, Old Ford, Poplar, Shoreditch, Stepney, Wapping e Whitechapel. Os habitantes dessa região, desenvolveram um dialeto próprio, com um sotaque típico e a utilização de gírias que são chamadas de “*rhyming slangs*”.

centro, e o próprio suporte se desintegrou, e isso acontece mais rapidamente na medida que se precisava de seu apoio de forma mais contundente. Enquanto isso, a percepção vívida (ou lembrança) dos vários sonhos continuava a vir sobre mim em alternância. De quem? *de quem?* DE QUEM? A menos que eu possa *uni-los*, seria arrastado para o mar sem horizonte e sem vínculo, *perdendo-me*. A ideia me provocou mais uma vez os “arrepios”, e com isso o medo de adormecer de novo e renovar o processo. Tinha começado na noite anterior, mas depois a confusão só tinha ido um passo, e o mal parecia simplesmente curioso. *Este era* o segundo passo - onde eu poderia estar depois de um terceiro passo dado - eu não parava de confabular comigo mesmo sobre isso.

“Ao mesmo tempo, senti compaixão para com as pessoas que viviam a demência com *Verwirrtheit*⁷, ou por invasões de personalidade secundária. Nós as consideramos simplesmente *curiosas*; mas o que *elas* querem na terrível deriva de seu ser, fora de seu modo de ser usual, é algum porto seguro para se agarrar. Devemos assegurar e lhes reafirmar que estaremos a seu lado, reconhecendo o verdadeiro eu que existe neles até o fim. Devemos deixá-los saber que estamos com *elas* e não (como frequentemente nos apresentamos) como uma parte do mundo que confirma e publica sua decadência.

“Evidentemente, eu estava em plena posse de minha capacidade crítica; e sempre que eu pensava objetivamente na situação em que me encontrava, minhas ansiedades cessavam. Mas havia uma tendência a recair nos sonhos e reminiscências, e a recair vividamente; e então a confusão recomeçou, juntamente com o sentimento de pavor, para que não se tornasse mais profunda.

“Então eu olhei para o meu relógio. Eram doze e trinta! Meia-noite, portanto, e isto me trouxe uma nova reflexão. Habitualmente, ao ir para a cama, caio em um sono muito profundo do qual nunca acordo naturalmente até depois das duas. Nunca desperto, portanto, de um sonho da meia-noite, como aconteceram com estes sonhos, de modo que minha consciência ordinária não teria retido nenhuma lembrança. Meu sono me pareceu extremamente pesado

⁷ NT – A autor usa um termo em alemão para se referenciar à uma confusão mental um distúrbio de consciência que muitas vezes ocorre em pessoas mais velhas. A confusão é caracterizada por desordens de orientação, inquietação interior e uma capacidade limitada de lembrar as coisas. A percepção das pessoas afetadas é frequentemente perturbada. Podem até ocorrer alucinações.

quando acordei durante a noite. Os estados de sonho carregam memórias de sonho - por que os dois sonhos consecutivos (quaisquer dois dos três que *foram* sucedâneos) não podem ser memórias de sonhos das *doze horas de noites anteriores*, levados, juntamente com o sonho que se desvanece, para o sistema de memória ao despertar? Por que, em resumo, não posso estar tocando, de uma forma impossibilitada pelo meu hábito comum de vida, *o estrato da meia-noite* das minhas experiências passadas?

“Esta ideia me deu grande alívio - agora me senti como se eu estivesse em plena posse de minha *anima rationalis*. Acendi o meu abajur, resolvi ler para dormir”. Mas eu não consegui, me senti sonolento e, apagando a luz, logo estava nos braços de Morfeu.

“Acordei novamente duas ou três vezes antes do amanhecer, sem experiências de sonho, e finalmente, com uma curiosa, mas não alarmante, confusão entre dois sonhos, semelhantes aos que eu tinha tido na manhã anterior, acordei para o novo dia às sete.

“Nada de peculiar aconteceu na noite seguinte, então a coisa me pareceu destinada a não se desenvolver mais”.⁸

A angustiante confusão de espírito nesta experiência foi exatamente o oposto da iluminação mística, e igualmente não mística foi a definição do que se percebeu. Mas a exaltação do senso de relação era mística (a perplexidade girava toda em torno do fato de que os três sonhos juntos *pertenciam e ao mesmo tempo não pertenciam da forma mais íntima possível*); e a sensação de *que a realidade*

⁸ Transcrevo o resto de meu memorando na forma de uma nota: —

"Várias ideias se apresentaram e tornam essa observação instrutiva".

"Primeiro, a noção geral, agora entrando no terreno na medicina mental, de que certas doenças mentais podem ser renunciadas na vida dos sonhos, e que, portanto, o estudo deste último pode ser lucrativo.

"Então, a indicação específica, que diz respeito a "confusão", perda de personalidade, apraxia etc., tão frequentemente tomada para indicar lesão cortical ou degeneração típica da demência, pode ser de afeições funcionais muito superficiais. Em meu próprio caso, a confusão foi abrupta (NT – Aqui o autor usa o termo francês *foudroyante* que é abrupto, repentino, mas num sentido patológico) - um estado de consciência único e inigualável em meus 64 anos de experiência internacional; no entanto, ela se alternou rapidamente com estados perfeitamente racionais, como mostra este registro. Parece, portanto, simplesmente como se o limiar entre o estado racional e o mórbido tivesse sido, em meu caso, temporariamente reduzido, e como se confusões semelhantes pudessem estar muito próximas da linha de possibilidades em todos nós.

"Há também as insinuações de uma entrada telepática nos sonhos de outra pessoa, e de uma duplicação de personalidade. Na verdade, não sei agora "quem" teve esses três sonhos, ou de qual "eu" despertei pela primeira vez, tão rapidamente eles se substituíram uns aos outros, de forma descontinuada. A descontinuidade deles foi o pivô da situação. Meu senso de descontinuidade era tão 'vívido' e 'original' uma experiência como qualquer coisa que Hume pudesse clamar. E mesmo assim, eles continuaram a interconectados!

"Então, há a noção de que ao acordar em certas horas, podemos tocar em estratos distintos da antiga memória de sonhos.

estava sendo descoberta era mística em seu mais alto grau. Até hoje, sinto que esses sonhos extras foram de fato vividos na realidade, mas quando, onde e por quem, eu não posso adivinhar.

No *Tribunal Aberto* de dezembro de 1909, o Sr. Frederick Hall narra um arranjo de éter-mística que se harmonizou muito bem com minha fórmula. Quando um dos doutores teceu um comentário a outro, ele riu, pois notou que esses amigos “acreditavam ver coisas e causas reais, mas a verdade é que eles *não as viam*, e eu as vi ...”. Eu me encontrava onde as causas se *encontravam* e para vê-las não era preciso mais capacidade mental do que reconhecer uma cor como azul O conhecimento de como poucos [doutores] realmente viam, aliado ao sentimento evidente de que eles viam tudo o que havia, era muito engraçado [Eles] sabiam tão pouco das causas reais quanto uma criança que, vendo um trem passando e notando suas rodas giratórias, supõe que elas, giram por si mesmas, dando a carruagem e a locomotiva seu impulso. Ou imagine um homem sentado em um barco, cercado por densa névoa, e fora da névoa veem uma pedra plana saltar da crista de uma onda para outra. *Se ele tivesse sempre sentado assim*, suas explicações seriam muito grosseiras em comparação com as de um homem cujos olhos poderiam furar a névoa, e ver na margem um menino pulando pedras. De certa forma, as observações dos dois médicos me pareceram como os dois últimos “saltos” de uma pedra jogada do meu lado ... Tudo isso era essencial na observação que eu sabia antes de ser feita. Assim, para descobrir convincentemente e para mim mesmo, que as coisas que não são vistas são aquelas de real importância, isto foi suficientemente estimulante”.

É evidente que o campo marginal do Sr. Hall foi enormemente ampliado pelo éter, pouco definido o que ele percebeu foi principalmente a completa integração causal de todo o seu conteúdo. Que esta percepção tenha consigo um tremendo sentimento de importância e superioridade é uma questão natural.

Tenho tratado o fenômeno em discussão, como se consistisse na descoberta de segmentos de *consciência*. A consciência já está lá esperando para ser descoberta? E é uma revelação verídica da realidade? Estas são perguntas sobre as quais não pretendo tocar. Nos temas da experiência a “emoção da convicção” é sempre forte, e às vezes absoluta. O psicólogo comum dispõe do

fenômeno sob a cabeceira “convenientemente” científica do “*petit mat*”⁹, se não da “bobagem” ou da “tolice”. Mas sabemos tão pouco do valor noético de estados mentais anormais de qualquer tipo que, em minha opinião, é melhor manter a mente aberta e coletar fatos simpaticamente por um longo tempo. Não *compreenderemos* estas alterações de consciência, nem nesta geração nem na próxima.

WILLIAM JAMES.
UNIVERSIDADE DE HARVARD.

⁹ NT – Mal menor em francês.